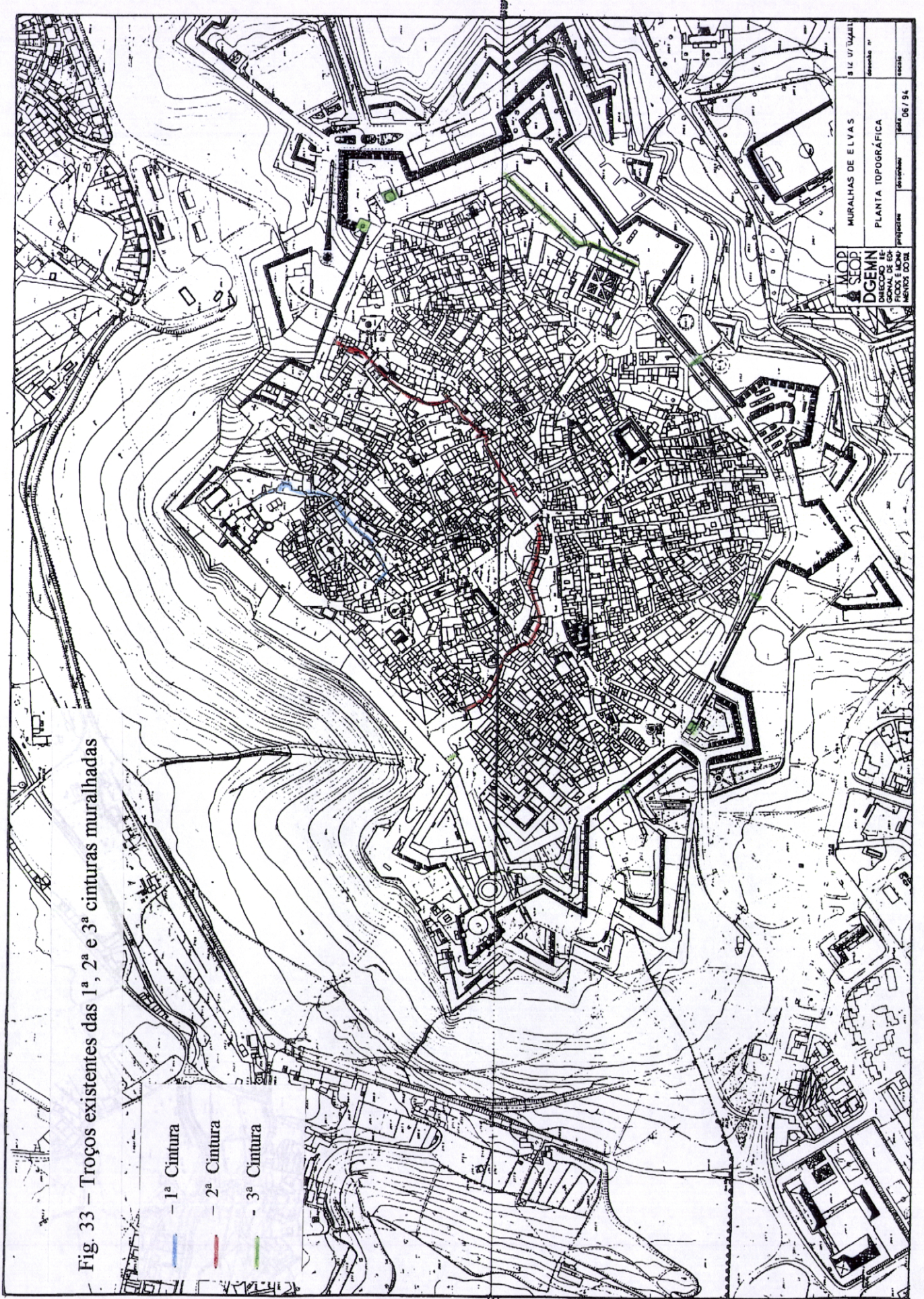


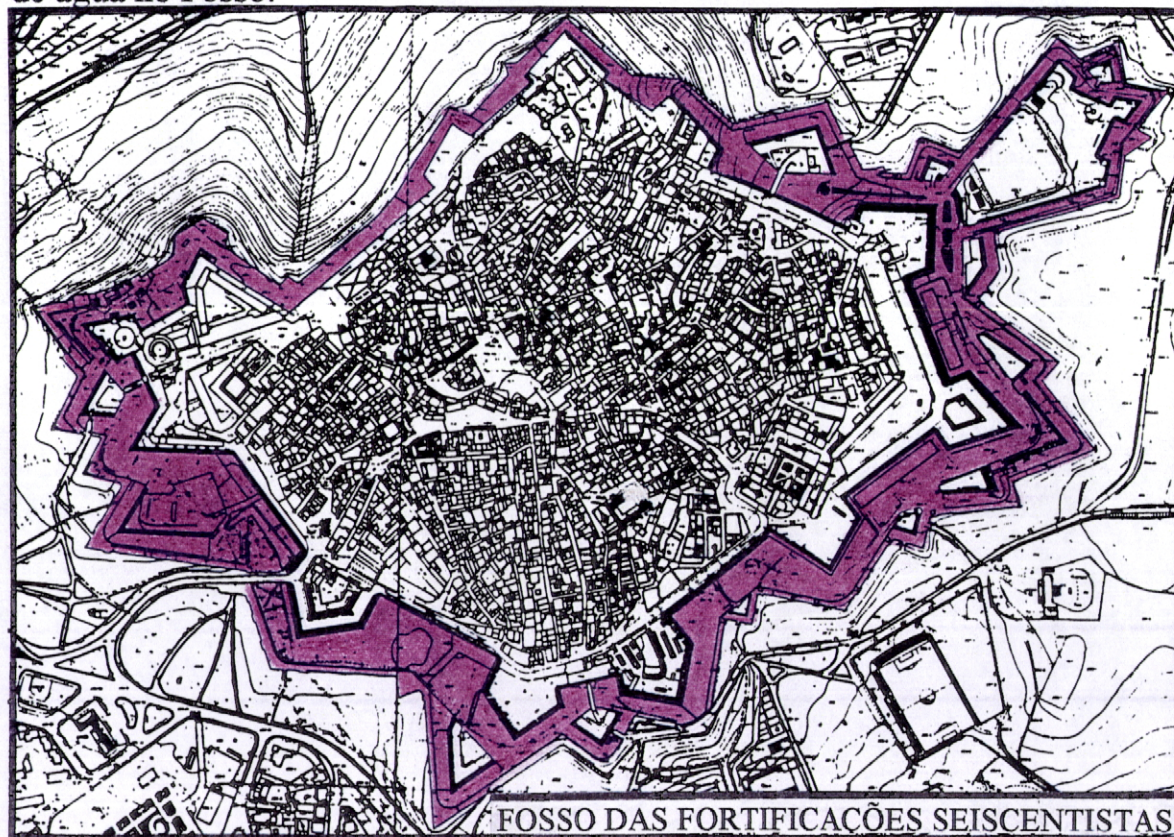
Fig. 33 – Troços existentes das 1ª, 2ª e 3ª cinturas muralhadas

- 1ª Cintura
- 2ª Cintura
- 3ª Cintura



Aproveitamos para citar José Matta,²⁸ segundo o qual “As muralhas de hoje são bastante largas, e grossas e bem fortificadas, os fossos também espaçosos são pouco profundos por causa do terreno ser duro e pedregoso”.

O Fosso - “Escavação em todo o circuito da fortaleza ou só nas partes mais expostas que dificultava o acesso às entradas e a aproximação às muralhas. Podia ser seco ou cheio de água conforme as possibilidades e o tipo de fortaleza.”²⁹ . No caso específico de Elvas, o mesmo acompanhou, na totalidade, a cintura da muralha e sempre foi seco, conforme se pode constatar ao observarmos a fig.35 que retrata uma parte da cidade de Elvas, incluindo o Fosso. Reflectindo sobre o assunto, pensamos que o facto de ser seco se deveu essencialmente a dois factores; por um lado temos a sua situação estratégica, ou seja, Elvas está localizada no alto de uma colina o que lhe trouxe, desde sempre, problemas de escassez de água; por outro lado desenvolve-se ao longo da encosta, o que também impossibilita a existência de água no Fosso.



28. Anais de Elvas, pág. 79

29. Direcção do Serviço Histórico Militar, ob. cit., pág. 111

Destas, apenas as fortificações seiscentistas se mantêm completas. Das duas cinturas de muralhas árabes existem ainda alguns troços. No que respeita à cintura das muralha Fernandina pouco se pode observãr, dado que, como já foi referido anteriormente, as fortificações abaluartadas do séc. XVII foram construídas em cima das mesmas.

Chegamos, por conseguinte, ao fim do séc. XVII/ início do séc. XVIII, após a conclusão das obra de fortificação da cidade de Elvas, com o Fosso das Fortificações Seiscentistas, desta Praça de Guerra, completamente construído.

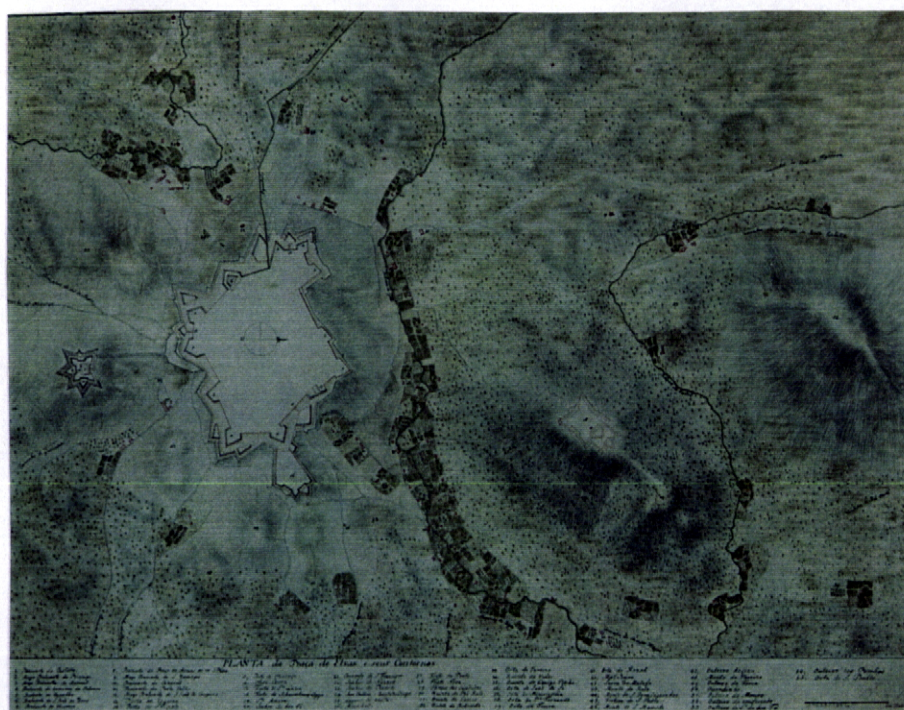


Fig. 34 – Planta da Praça de Elvas e seus contornos. Finais do séc. XVIII

Fonte: Secção de Arqueologia. Direcção dos Serviços de Engenharia. Exército Português

Aproveitamos para citar José Matta,²⁸ segundo o qual “As muralhas de hoje são bastante largas, e grossas e bem fortificadas, os fossos também espaçosos são pouco profundos por causa do terreno ser duro e pedregoso”.

O Fosso - “Escavação em todo o circuito da fortaleza ou só nas partes mais expostas que dificultava o acesso às entradas e a aproximação às muralhas. Podia ser seco ou cheio de água conforme as possibilidades e o tipo de fortaleza.”²⁹ . No caso específico de Elvas, o mesmo acompanhou, na totalidade, a cintura da muralha e sempre foi seco, conforme se pode constatar ao observarmos a fig.35 que retrata uma parte da cidade de Elvas, incluindo o Fosso. Reflectindo sobre o assunto, pensamos que o facto de ser seco se deveu essencialmente a dois factores; por um lado temos a sua situação estratégica, ou seja, Elvas está localizada no alto de uma colina o que lhe trouxe, desde sempre, problemas de escassez de água; por outro lado desenvolve-se ao longo da encosta, o que também impossibilita a existência de água no Fosso.

28. Anais de Elvas, pág. 79

29. Direcção do Serviço Histórico Militar, ob. cit., pág. 111

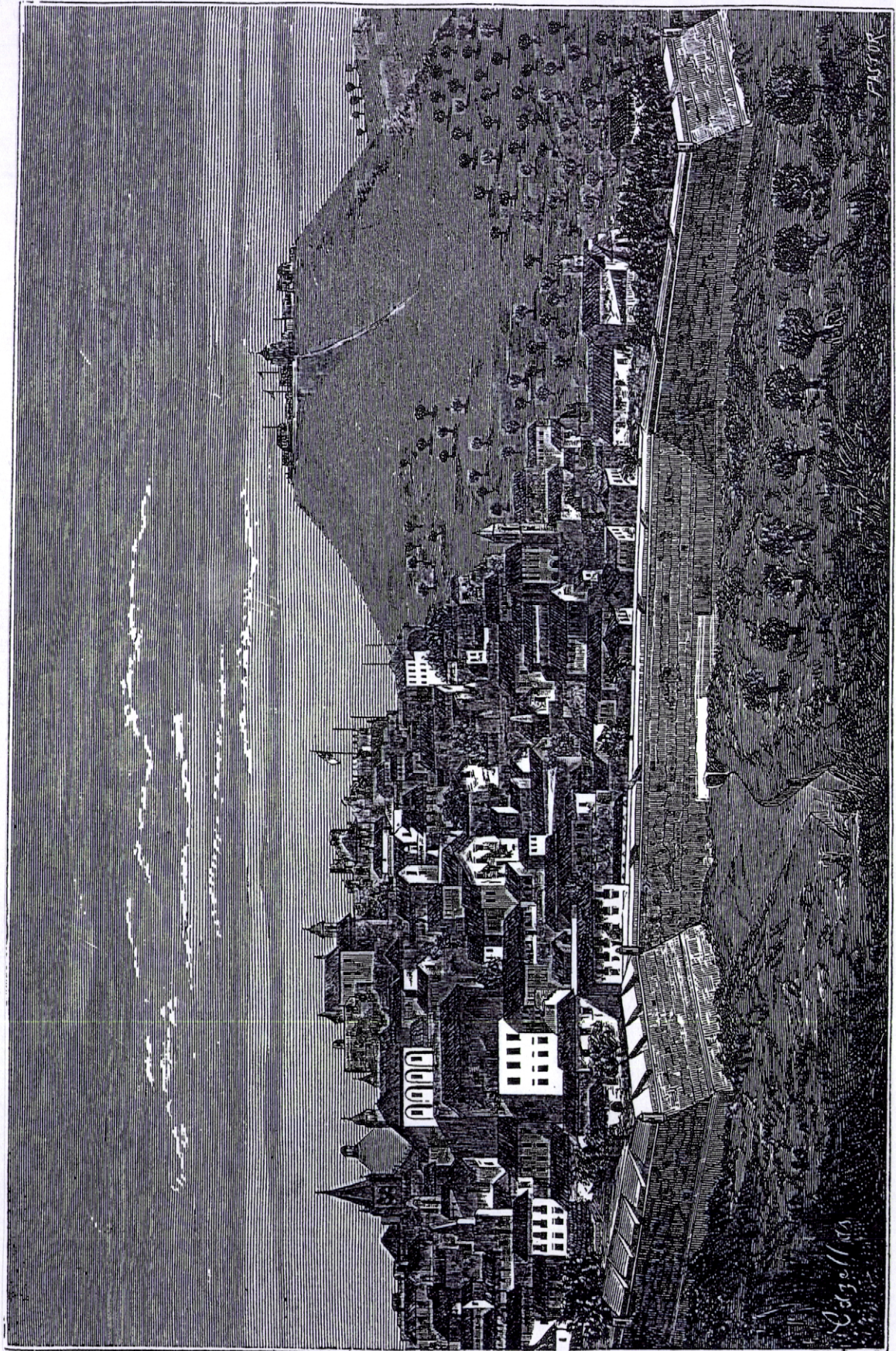


Fig. 35 – Vista de uma parte da cidade, tirada do forte de Santa Luzia. 1878.

Fonte: O Universo Ilustrado

1.2. Génese do Jardim da Praça



Fig. 36 – Vista do Jardim da Praça



Fig. 37 – Vista do Jardim da Praça

O Jardim da Praça, localizado no Fosso das Fortificações Seiscentistas, entre o baluarte de S. João de Deus e o redente do Cascalho, num terreno denominado Alameda, situado no Rossio do Calvário, nem sempre teve esta designação e sofreu ao longo do tempo diversas transformações.

A lacuna bibliográfica que existe em relação a este Jardim é de tal forma que encontramos, apenas, um único relato, de Víctorino de Almada, a partir do qual conseguimos saber a sua origem.

Segundo, Victorino de Almada ³⁰ já no séc. XVII os nossos antepassados procuravam, nos meses quentes de Verão, este local por ser uma zona fresca, devido à sombra densa dos álamos e amoreiras.

30. Elementos para um dicionário de Geographia e História Portuguesa – Concelho d’Elvas, pág. 166

De acordo com Amilcar Morgado,³¹ existe, actualmente, no cemitério municipal uma fonte, intitulada Fonte da Alameda, do séc. XVII, mais precisamente de 1628. Refere, ainda, que fez parte da Alameda até 1811, altura em que foi desmontada e guardada num armazém, por razões de ordem militar. A sua localização precisa não sabemos.



Fig. 38 – Fonte da Alameda. Séc. XVII

Em 1883, Almada,³² refere-se a este espaço como estando ligado à ideia fúnebre de um cemitério, pelo facto se encontrar praticamente nu. À excepção de uma parte que estava arrendada, desde 1880, para a agricultura, onde se via uma horta.

A 26 de Junho de 1883, o Sr. Vereador Francisco Domingues Tenório, Vice-Presidente da Câmara Municipal propõe, em sessão de câmara que após

31. O Aqueduto e a água em Elvas – Fontes antigas, pág. 20

32. Ob. cit., pág. 165

a caducidade do arrendamento (31 de Outubro), o mesmo deixe de ser arrendado para se criar um jardim municipal, tendo sido a sua proposta aceite, por maioria.

Assim, a 18 de Dezembro, sob proposta do Sr. Presidente, a Câmara deliberou que fosse convidado o Sr. Dr. Francisco Pereira d’Azevedo a elaborar o plano do jardim e a dirigir os trabalhos da construção. Este, correspondeu às expectativas “delineando a larga rua destinada exclusivamente a passeio, e os alegretes, canteiros e placas do jardim, e presidindo à construção d’ambos os depósitos d’água, e d’uma montanha russa, bem como à collocação das primeiras varas de arvoredos.”³³

A partir de 19 de Julho de 1884, passou ter a direcção da obra o Sr. Joaquim Nunes da Silva, “revestindo-lhe as placas e canteiros de festivas e variegadas flores, já dotando-o d’um marco fontenário, d’um suficiente número de canapés, e d’uma pequena estufa para plantas mais delicadas.”³⁴

É somente no dia 6 de Maio de 1888, data em que ali vai tocar, pela primeira vez a filarmónica Recreio Artístico Elvense, que surgem novas referências ao Jardim. Victorino de Almada³⁵ refere-se a este espaço da seguinte forma: “O passeio da Alameda está circunscrito dêntro d’uma sebe quadrangular d’espigueiros, que tem 206,^m5 d’extensão no lado do maior comprimento, para a parte do reducto de S. Pedro; 175^m no de menor, a par do rocío; 100m no da maior largura, frente ao baluarte de S. João de Deus; e 96^m no da menor, para a parte da quinta do Bispo.

A entrada principal fica voltada ao rocío, e outra para a cidade; esta, rematando uma estrada, que ha de pôr o passeio em comunicação directa com a estrada-coberta do baluarte de S. João de Deus (...) e aquella ao termo d’uma breve avenida que liga o passeio com o formoso lanço de eucalyptos,

33. Idem

34. Ibidem, págs 166 e 167

35. Ob. cit., pág. 167

na estrada que conduz á Piedade, pela ponte nova do Cancão.

(...)

Penetrando no passeio pela parte do rocío do Calvário, dá-se n'uma rua larga transversal, que o percorre no sentido do comprimento, demarcada por duas extensas áleas em que avultam os plátanos. Guarnecem-a alguns assentos ou canapés, uns de pedra de cantaria, outros de ferro e madeira, um marco fontenário no tópo, e uma pequena estufa á entrada.

Por entre os canteiros de basta verdura matizada de flores comunica esta rua com a parte ajardinada do passeio, próximamente quatro quintos da extensão total, em que, em torcicollos, caprichosos vão diversas ruas torneando os canteiros, e separando-os uns dos outros.

Há nésta parte ajardinada dois grandes lagos, destacando-se d'umas como alcatifas verdejantes de relva, e formados do melhór modo que a arte poude imitar a natureza. Ao centro do segundo, o da parte inferior, eleva-se um corpo pedregoso, de forma hexagonal.

Era sobre este corpo que de principio se projectava construir um corêto para a música; mas esta idéa foi abandonada, tendo-se já feito desaparecer a montanha russa, que se elevava quasi a meio do jardim, para em seu lugar, no espaçoso terreiro que ficou se levantar um corêto de ferro e cantaria, o qual, temos fé, não se fará esperar, e ha de condizer com a futura magnificencia do passeio.

Em todos os canteiros desenvolve-se admiravelmente a vegetação em myriades de flores e em disperso arvoredado, que se rebustece dia a dia.

Alguns déstes canteiros tem na primavera a apparencia de grandes tapêtes orlados de relva, em que o amarello das anémonas se entremêa com o rubro dos rainúnculos.

Excede a todos em belleza a placa elíptica que, ao meio do passeio, defronta com a entrada principal; e muito realce lhe ha de dar, passados alguns annos, a novél araucaria que começa a bracejar no centro délla.

Por último uma floresta d'eucalyptos cobre o fundo do passeio, destacando-se dois talhões, do corpo principal, para abrirem franca passagem para o lago inferior.”

A partir desta data (Maio de 1888), não aparecem quaisquer tipos de registos em relação ao Jardim Municipal, também vulgarmente conhecido, na altura, por Passeio da Alameda ou Jardim da Alameda. Encontramos, contudo, uma informação prestada pela Repartição do Património do Serviço de Fortificações e Obras Militares ³⁶ que data de 17 de Maio de 1974 e que refere: “ Trata-se de uma área de terreno situada junto ao viaduto aberto nas muralhas, área essa conhecida por “Jardim da Praça ou Jardim Militar”, por ter sido em tempos ajardinada, mas com o qual o BC8, ao qual está afecto gasta apreciável verba sem, contudo, ter possibilidades de o conservar em condições de ajardinamento aceitáveis.

A RME consultada sobre o assunto – nas notas n.º 17 Procº 114 de JAN74 e n.º 74 de 14FEV74 – é de parecer que sendo satisfeito o solicitado pela Câmara até há vantagem para o M.E..

Esta pretensão ainda não foi objecto de despacho.”

Perante esta situação, de falta de elementos bibliográficos, poder-se-á chegar às seguintes conclusões:

1 – A construção do Jardim da Praça teve início em Dezembro de 1883, tendo sofrido algumas transformações até ao ano de 1888. Era conhecido, nessa altura, por Jardim Municipal, Passeio ou Jardim

36. Arquivo do Tombo – Direcção dos Serviços de Engenharia Militar

da Alameda. Tratava-se de um local aprazível e de convívio, onde, segundo alguns jornais da época, se deslocavam muitas vezes a filarmónica e a banda militar para actuar.

2 – Em 1888, o RC8 (Regimento de Caçadores n.º8) recebe ordem para sair de Elvas. E, só em 1926, após uma reorganização do Exército passamos a ter em Elvas o BC8 (Batalhão de Caçadores n.º8). Ora, se em 1974 se refere que o Jardim está afecto ao BC8, tudo leva a crer que em 1926, quando, o mesmo, veio para Elvas ficou com a posse do Jardim, uma vez que este se encontrava dentro do Fosso e como tal em Área de Servidão Militar. Inquirindo-se algumas pessoas da terra sobre o que se teria passado com o jardim chegámos à conclusão que em tempos o mesmo estaria vedado à população, havendo apenas uma zona de passagem que fazia a ligação entre a cidade e o Rossio do Calvário (possivelmente, a zona assinalada na figura 39). Esta informação vem apoiar a nossa teoria de que o BC8 ao chegar a Elvas retirou a guarda do jardim à Câmara Municipal.

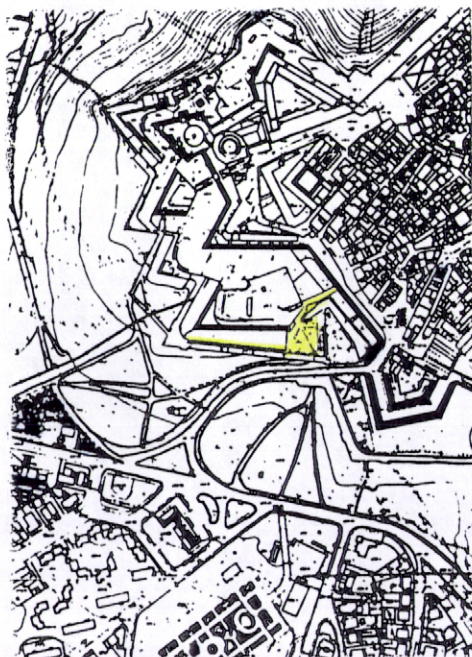


Fig. 39 – Planta do jardim. Área provável de acesso aos habitantes, enquanto esteve afecto ao BC8

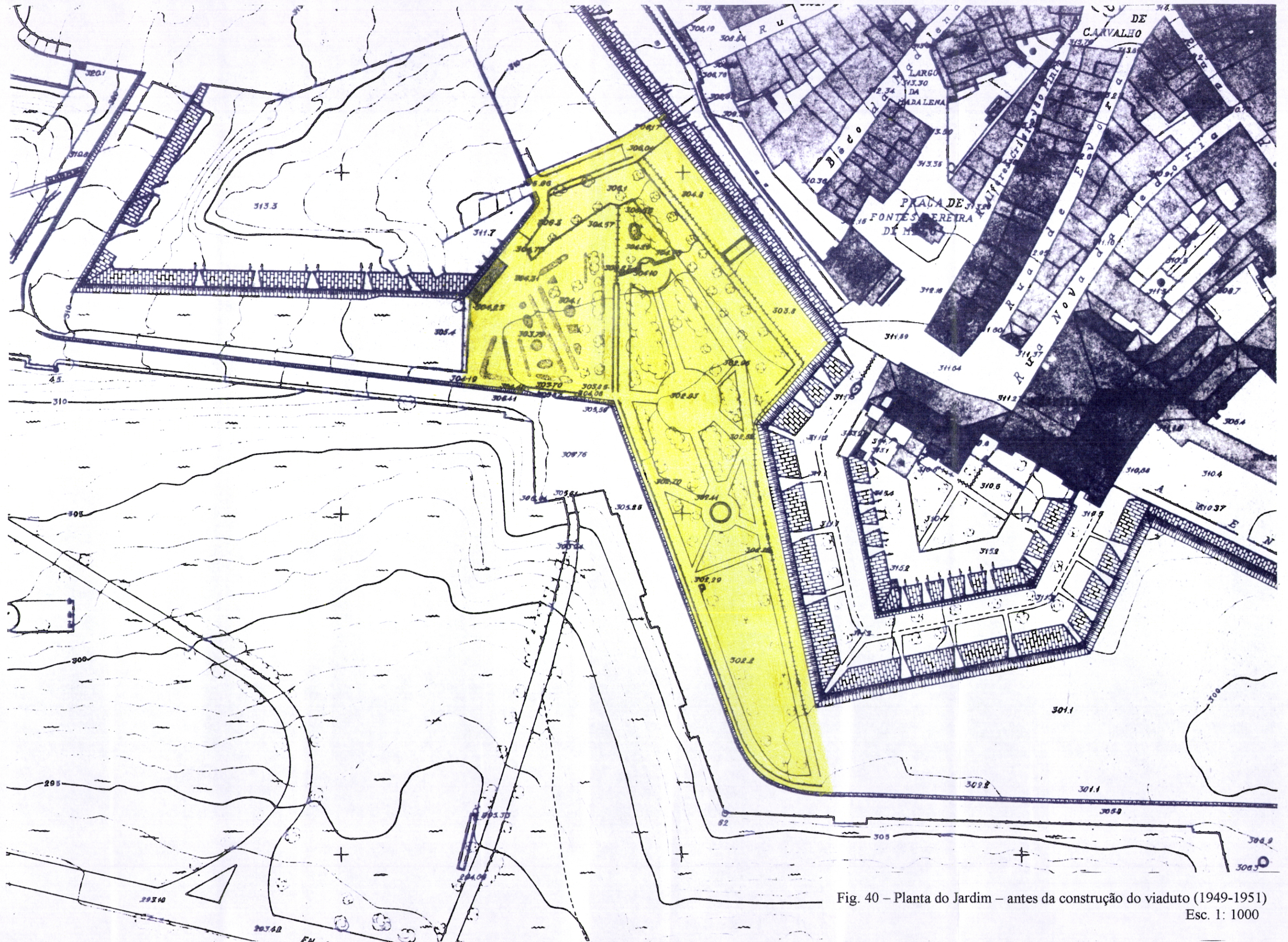


Fig. 40 - Planta do Jardim - antes da construção do viaduto (1949-1951)
Esc. 1: 1000

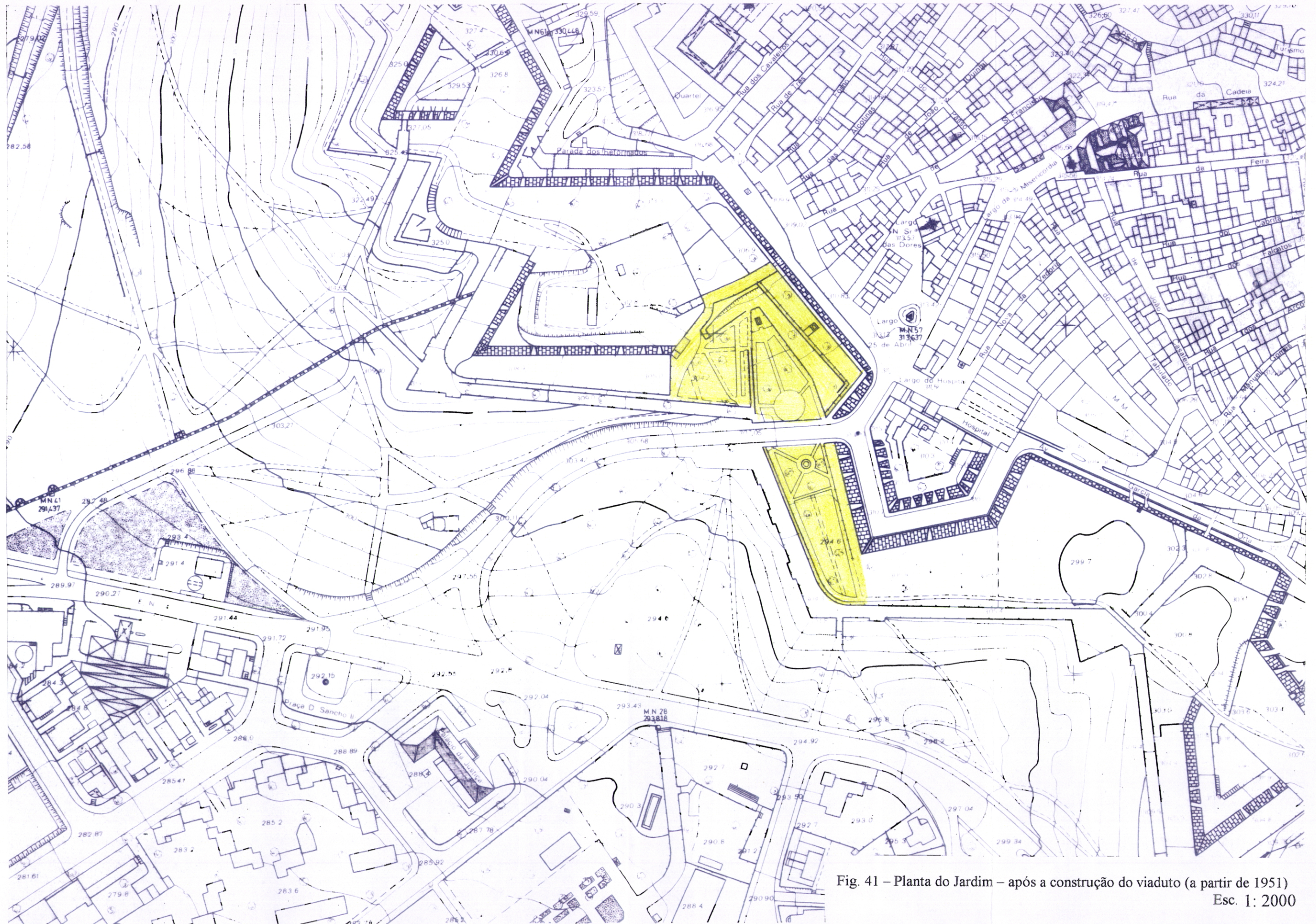


Fig. 41 – Planta do Jardim – após a construção do viaduto (a partir de 1951)
Esc. 1: 2000

3 - Existem, também, duas plantas, à escala 1: 1000 e 1: 2000, sem data. Contudo, tendo em atenção as características do espaço envolvente poderemos concluir que a fig. 40 é anterior a 1949, isto porque ainda existia o beco do Carrão E, a fig. 41 é posterior a 1951, altura em que ficou concluída a construção do viaduto e o arranjo urbanístico de toda a envolvência. Quanto ao jardim apresenta-se-nos igual nas duas plantas. A zona do tanque aparece com o traçado de caminhos bem definido, mas, em contrapartida, a zona de passagem indica vegetação dispersa e pequenos corredores limitados por sebes. Em ambas as plantas já aparece desenhado o edifício, das casas de banho e arrecadações, junto à muralha.

4 - Em 1958, foi tirada uma fotografia aérea. Nesta, os caminhos da zona de passagem já aparecem bem definidos. Já existe, também, o caminho que divide o pomar das laranjeiras, no sentido longitudinal. E, por último, das duas noqueiras que se encontram actualmente no jardim, nesta altura já lá existe uma.



Fig. 42 – Fotografia aérea do Jardim da Praça. 1958. Esc. 1: 5000.

Fonte: Instituto Geográfico do Exército

5 – Em Fevereiro de 1974 o BC8, demonstra Ter dificuldades em conservar o Jardim.

6 – A seguir ao 25 de Abril, não se sabe precisamente a data, a Câmara volta novamente a cuidar do Jardim. Nessa altura, manda. Estando o solo em terra batida mandou empedrar alguns caminhos e acimentar outros. Quanto à vegetação existiam apenas nogueiras que ainda se mantêm e citrinos. Os tanques e as caleiras estavam a funcionar, à excepção do rectangular que se encontra junto à muralha, no lado oposto ao do edifício.

7- Actualmente, quem trata do Jardim, apesar de ser um prédio militar, é a Câmara de Elvas. Os tanques, as caleiras e as bocas de rega originais ainda existem. Quanto à vegetação, além dos citrinos e da nogueira que já aparecia na fotografia aérea de 1958, existem várias árvores de fruto e de carácter ornamental. Existem, também, vários tipos de arbustos e trepadeiras distribuídos sem qualquer tipo de critério. Nesta sequência, verifica-se que entre 1958 e 1999 não existem grandes alterações, em termos de concepção, no Jardim da Praça – plantaram uma nogueira, alguns arbustos e arranjaram os caminhos.

Aquilo que infelizmente, se alterou foi concerteza o estado de conservação, tema que iremos desenvolver no capítulo seguinte

8 – Por último, poder-se-á dizer que do jardim original de 1883/84 apenas restam os tanques, assim como, as caleiras e as bocas de rega.

Fig. 43 – Vista do Jardim da Praça



Fig. 44 – Jardim da Praça – pormenor do tanque rectangular



Fig. 45 – Jardim da Praça – Vista da poterna de S. Francisco



Fig. 46 - Pormenor de um dos tanques



Fig.47 – Jardim da Praça – pormenor da zona dos bancos



Fig. 48 – Jardim da Praça – vista a partir do acesso pelo viaduto



Fig. 49 – Jardim da Praça – pormenor do acesso ao viaduto



Fig. 50 – Jardim da Praça – pormenor da fonte



Fig. 51 – Jardim da Praça – vista da zona de passagem



Fig. 52 – Vista do Jardim da Praça



Fig. 53 – Jardim da Praça – vista da zona de passagem



Fig. 54 – Vista do Jardim da Praça



Fig. 55 – Jardim da Praça – pormenor do acesso que faz a ligação à Estrada das Portas de Esquina



Fig. 56 – Jardim da Praça – zona do viaduto – comunicação com o pomar das laranjeiras



Fig. 57 – Jardim da Praça – pormenor da zona do viaduto



Fig. 58 – Jardim da Praça – pormenor do pomar das laranjeiras



Fig. 59 – Jardim da Praça – pormenor do pomar das laranjeiras



1.3. Génese do RI8 (Regimento de Infantaria n.º8)



Fig. 60 – RI8 – pormenor da parada

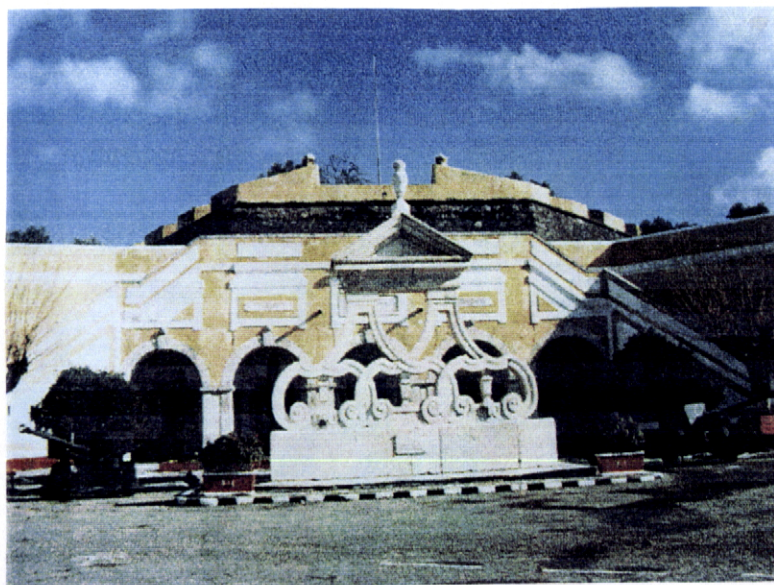


Fig. 61 – RI8 – pormenor da Fonte de S. José. Séc XVIII

O RI8, encontra-se implantado no Quartel de S. Domingos (antigo convento), estendendo-se a sua área de ocupação pelo Fosso das Fortificações Seiscentistas, entre as Portas de Olivença e as Portas de S. Vicente, ocupando uma área de 27.900m². A origem do RI8 remonta a 1641, tendo-se verificado

várias transformações até aos dias de hoje, conforme se descreve de seguida, sucintamente:

- 1 – Em 1641 tinha a designação de Terço de Elvas.
- 2 – Em 1707 passou a designar-se Regimento de Infantaria de Elvas.
- 3 – Em 1762 dividiu-se em dois Regimentos desta mesma arma.
- 4 – Em 1816, o 1º Regimento de Infantaria passou para Estremoz e o 2º para Montemor-O-Novo.
- 5 – Em 1831, voltaram os dois para Elvas.
- 6 – Em 1834, transformaram-se em Regimentos de Infantaria n.º5 e n.º 17, respectivamente, sendo extintos pela Convenção de Évora-Monte a 26 de Maio.
- 7- Em 1862, chegou a Elvas o Batalhão de Caçadores 8.
- 8 – Em 1884, dá-se uma nova organização do Exército passando, nessa altura, a designar-se Regimento de Caçadores 8.
- 9 – Em 1886, dado que parte do aquartelamento ameaçava ruína, o 1º Batalhão teve que sair de Elvas voltando a 23 de Outubro de 1887.
- 10 - Em 1888, o RC8 (Regimento de Caçadores n.º8) é colocado em Abrantes. Em 26 de Dezembro regressa a Évora uma parte do 2º Batalhão que continuará a fazer parte da Guarnição de Elvas.



Fig. 62 - Área do Fosso ocupada, actualmente, pelo RI8

11 – Em 1921, está em Elvas o Regimento de Infantaria n.º 22.

12 – Em 1926, após uma reorganização do Exército, retorna a Elvas o Batalhão de Caçadores 8.

13 – Em 1975, o BC8 é transformado no Regimento de Infantaria de Elvas.

14 – Em 1993 (14 de Julho), passa a designar-se RI8 (Regimento de Infantaria n.º8).



Fig. 63 – Vista do Fosso – área ocupada pelo RI8

Fig. 64 – Vista do Fosso – área ocupada pelo RI8



Fig. 65 – Vista do Fosso – área ocupada pelo RI8



Fig.66 – Vista do Fosso – área ocupada pelo RI8



2. Avaliação do estado de conservação

2.1. – Estado de conservação do Fosso

Após uma visita ao local com o objectivo de efectuar um percurso ao longo do Fosso, observando atentamente este grandioso sítio, é com pena que constatamos o estado de completo abandono, em termos de conservação, a demonstrar já aspectos de degradação acentuada que merecem uma recuperação urgente.

O facto é que actualmente, o Fosso, é utilizado repetidamente como depósito de materiais inertes, como sejam lixos diversos, onde se destacam os materiais plásticos e entulhos, o que em termos estéticos e de qualidade ambiental, desvaloriza significativamente esta paisagem histórica.

Realidade que é bem visível nas figuras que se seguem.



Fig. 67 – Pormenor do Fosso no sentido do Castelo

Fig. 68 – Fosso – desmoronamento de um muro e lixos diversos

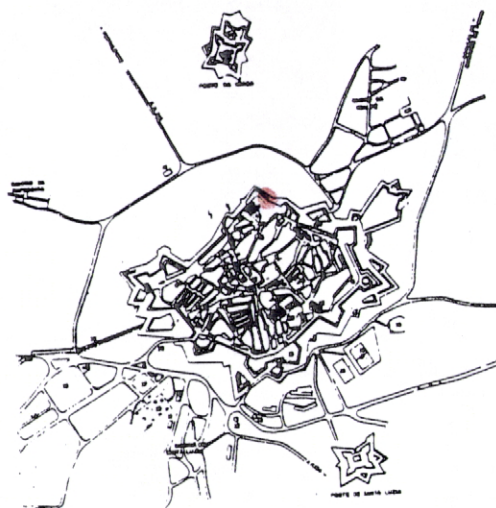


Fig. 69 – Fosso – muro caído; materiais inertes espalhados



Fig. 70 – Fosso – muro escondido pela vegetação

